



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM NA HISTÓRIA¹

Laura Quevedo Pires de Oliveira e Silva
G/UEMS

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar a evolução da linguagem no decorrer da história focando na teoria de Port-Royal, pois esta marca diferenças grandes no começo do estudo sobre a linguagem.

Palavras-chave: Port-Royal. Linguagem. Evolução. Autores. Marcondes.

Abstract: *This paper aims to show the evolution of language throughout history by focusing on the theory of Port-Royal, as this marks great differences in the beginning of the study on language.*

Key-words: *Port-Royal. Language. Evolution. Authors. Marcondes.*

Introdução

Com o passar do tempo, podemos ver a evolução da linguagem na história, como o pensamento para o seu estudo começou e como está hoje em dia. No livro “Textos básicos de linguagem” de Marcondes, é possível ver este processo, passando por vários autores diversos. Além disso, vemos como a linguagem passa a ser considerada primordial para a convivência em sociedade.

O foco em Port-Royal, entre todos os outros autores e suas teorias, foi escolhido pelo fato de que a partir deste as ideias começam pouco a pouco a se assemelhar com o pensamento atual.

Inicialmente, para se compreender como a lógica de Port-Royal foi desenvolvida, é necessário compreender o desenvolvimento do pensamento desde o início. “Platão deu início à filosofia da linguagem” (MARCONDES, 2009 pág. 13), ele formula argumentos para a discussão entre naturalismo e convencionalismo, pois nenhum dos dois segmentos

¹ Trabalho elaborado para a disciplina de Filosofia da Linguagem ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.



foi capaz de provar o que defendia. “Assim, aponta para a necessidade de se procurar a verdade para além das palavras” (MARCONDES, 2009 pág. 16).

Distinguindo o verdadeiro e o falso, a qual incluía a tese de que todo discurso é verdadeiro segundo Protágoras. Para Platão, “a proposição é a forma mais curta de discurso” (MARCONDES, 2009 pág. 17), esta proposição é verdadeira quando a combinação de nome e verbo corresponde ao real e falsa quando não corresponde.

Ele também faz uma crítica à retórica sofista, que servia apenas para a persuasão em assuntos políticos, “a crítica consiste em mostrar que com habilidade pode-se persuadir qualquer pessoa, mesmo de algo não verdadeiro” (MARCONDES, 2009 pág. 19). E esta habilidade deveria ser usada para o ensinamento e levar ao verdadeiro conhecimento.

Em um de seus diálogos, ele coloca sua posição sobre a escrita como “aquele que se fiar da escrita perderá a memória, passando a depender de um signo externo e não de sua própria capacidade de lembrar” (MARCONDES, 2009 pág. 19-20), causando a ignorância. Sendo assim, concluí que a escrita circula entre os que entendem e os que não entendem e que o diálogo é a excelência da filosofia, pois é possível o argumentar e o contra argumentar.

Em seguida, seu discípulo Aristóteles diz que, “a representação linguística, o significado dos signos, depende da representação mental, dos signos com que os conceitos estão relacionados” (MARCONDES, 2009 pág. 23).

Diferente de seu mestre Platão, Aristóteles assume o convencionalismo e explica que “nem todas as sentenças são verdadeiras ou falsas, apenas as declarativas que pretendem descrever o real” (MARCONDES, 2009 pág. 24).

Aristóteles vê a retórica como uma função relevante, pois “falamos sobre algo para alguém e com um determinado objetivo. É o objetivo que determina os elementos retóricos” (MARCONDES, 2009 pág. 25), e através destes, “o falante visa a fazer com que o ouvinte veja a realidade de uma determinada maneira” (MARCONDES, 2009 pág. 26). E,



além disso, a retórica trata também a metáfora. A metáfora é uma das formas de ornamento da poética, que Aristóteles diz ser importante para garantir a produção de emoções sobre a audiência.

Ele “caracteriza a linguagem como definidora da natureza humana” (MARCONDES, 2009 pág. 27), pois é preciso o uso desta para a vida social. E também “mostra como a possibilidade do uso da linguagem não depende apenas da mente, mas da própria fisiologia humana” (MARCONDES, 2009 pág. 28).

Nos primeiros anos do cristianismo surge Santo Agostinho, que começa se indagando sobre o ensinar e o aprender, e “após uma detalhada consideração da natureza do signo e do processo de comunicação” (MARCONDES, 2009 pág. 32), conclui que por causa da convencionalidade, “o signo linguístico não pode ter qualquer valor cognitivo mais profundo. Portanto, não é através das palavras que conhecemos, e assim sendo não podemos transmitir conhecimento pela linguagem” (MARCONDES, 2009 pág. 32).

“Caracteriza o signo como tudo aquilo que serve para indicar outra coisa; assim, algo é um signo não por sua natureza intrínseca, mas por sua função. Os sinais naturais não dependem do ser humano” (MARCONDES, 2009 pág. 35).

Outros influentes pensadores da época são Ockham e Descartes. Ockham que se baseia em Aristóteles e discute “sobre a natureza do signo e sua relação com a mente. A tese da intermediação da mente entre as palavras e o real como explicação do significado” (MARCONDES, 2009 pág. 38).

Já, Descartes dedicava sua obra, principalmente, às questões da teoria do conhecimento científico. Apensar de não ter nada especificamente sobre linguagem, para ele o espírito – a mente – identifica o real por intermédio das ideias, que simbolizam as coisas, formando assim a base da ciência. A linguagem é, para ele, uma expressão imperfeita do pensamento, sem interferência na construção do conhecimento em si.



Descartes mostra a diferença entre a natureza humana e a dos animais, pois apesar dos animais emitirem sons, estes não expressam pensamentos, sendo assim, estes sons não são considerados linguagem. “Portanto, a linguagem é indício da racionalidade humana, expressão do pensamento no ser humano; uma prova disso é a capacidade de articular esses sons, formando um discurso” (MARCONDES, 2009 pág. 42).

Uma das preocupações de Descartes foi o erro dos antigos e segundo ele (MARCONDES, 2009 pág. 43)

Essa visão, uma das fontes principais de erros é a linguagem, porque é veículo de preconceitos do passado e de concepções não examinadas que assimilamos por hábito, e também porque nossa familiaridade com as palavras faz com que deixemos de examiná-las e de levar em conta os pensamentos que devem expressar.

Ele foi contra o projeto de elaboração de uma língua universal, apesar de considerar algumas vantagens, para ele (MARCONDES, 2009 pág. 44):

Esse projeto não poderia contribuir para o desenvolvimento da ciência porque, ao contrário, pressuporia ele próprio uma ciência já desenvolvida e acabada da qual seria a expressão, pois se não fosse assim não teríamos o critério de adequação e correção dessa linguagem artificial em relação ao conhecimento que pretendia expressar.

A lógica de Port-Royal é uma obra de 1662, foi utilizada para o ensino da lógica até o século XIX e possuía objetivo psicológico, explorando o pensamento humano e como o processo do intelecto funciona.

A escola de pensadores com sede na abadia cisterciense de Port-Royal des Champs, Na França, foi muito influente no século XVII e, dois de seus membros, Antoine



Arnauld e Pierre Nicole, desenvolveram a Obra chamada *Lógica ou A Arte de pensar*, comumente conhecida como a *Lógica de Port-Royal*. Escrita para a educação do duque de Chevreuse, possui caráter didático e recebe influência da "*filosofia da linguagem*" de Descartes.

A lógica de Port-Royal se distancia do formalismo lógico - é de natureza psicológica, com objetivo de representar o pensamento humano e "*o significado das palavras são as ideias associadas a elas*" (MARCONDES, 2009 pág. 47). Os autores, Arnauld e Nicole, abordam a dupla função da linguagem que, além de possibilitar a comunicação humana, é a representação do real. A lógica, para eles, constitui-se em reflexões sobre as quatro principais operações do espírito humano: conceber, julgar, raciocinar e ordenar. *Conceber* seria a forma simples de ver as coisas introduzidas para o espírito, sem formar uma opinião sobre – As representações de tais coisas são denominadas *ideias*. *Julgar* é, então, a união de várias ideias – feita pelo espírito - Afirmando ou negando que uma é outra. *Raciocinar* seria, então, a formação de um espírito a partir de vários outros. Um exemplo simples disso seria o fanatismo – A pessoa que idolatra algo específico tende a desconsiderar símbolos de outros grupos, por considerar que apenas os seus são corretos ou merecem respeito. A ação do espírito de organizar diversos raciocínios e ideias é a de ordenar.

Todas as regras citadas são feitas de forma natural, realizadas de melhor maneira por aqueles as desconhecem. A lógica não tem, portanto, propósito de descobrir como realiza-las, mas sim, ponderar sobre o processo, com a intenção de saber se a razão é bem utilizada, descobrir os erros ou defeitos nos processos e então explica-los – Um pensamento pode ser falso, mas nem sempre se encontra a razão ele ser. Por fim, tem propósito de que conheçamos o espírito pelas reflexões sobre suas ações.

É preciso associar as ideias com as palavras na lógica, afinal, o pensamento não é pessoal. Para que outras pessoas os compreendam, o uso das palavras é necessário - Foram tão normatizadas que as usamos em nossos pensamentos particulares.



O conhecimento das coisas exteriores só existe pelas ideias dentro de nós, as reflexões sobre elas sendo a base de todo o resto – O texto então indica as cinco reflexões mais importantes sobre elas. A primeira, por sua origem, a segunda pelas diferenças entre aquilo que representam. Em terceiro, fala-se sobre sua composição, tratando do espírito, suas abstrações e precisões. O quarto lugar trata-se da singularidade das ideias, e o quinto sobre sua compreensão ou desentendimento.

Não existem formas mais simples de se explicar a palavra "ideia" - Ela existe por si mesma, deve-se apenas não restringi-la apenas a um falso entendimento, ao modo de criar as coisas. Santo Agostinho dizia que, "após o pecado, se acostumou de tal forma a considerar apenas as coisas corpóreas" (MARCONDES, 2009 pág. 49), ou seja, como se a única forma de se criar uma ideia fosse se tal tivesse uma imagem concreta. O autor prossegue apontando como nossa mente cria muitas coisas sem as imagens e a diferença entre a imaginação e o entendimento. Pode-se desejar imaginar algo, mas nem sempre será aquilo que esperamos - Porém, o conceito estará na nossa mente de qualquer forma. Muitas vezes, pelo hábito de sempre querer projetar uma imagem para tais conceitos, criamos uma imagem confusa, não completamente fiel às nossas intenções - Pode-se imaginar, porém, todas suas características.

O pensamento é a coisa mais clara a ser criada, quando pensamos. O mesmo conceito pode, também, possuir significados diferentes para cada mente, pode ser uma afirmação ou uma negação, serem encarados como algo bom ou ruim - Tais ações não possuem imagens corpóreas. Há também o detalhe de que, quando proferimos uma palavra, temos que ter certeza do que ela significa, ou serão apenas sons.

O autor prossegue falando sobre duas falsas ideias defendidas por filósofos contemporâneos. Primeiramente, a de que não há ideia de Deus - Porém, se isso fosse real, quando essa palavra é dita seriam proferidas apenas as quatro letras sem nenhum significado no espírito de quem a profere. Quando a palavra é usada, a ideia associada a ela também é - Ou, como é dado de exemplo, Calígula e Domiciano não teriam feito algo



errado ao se autodenominarem dessa forma. Para as pessoas, o significado de Deus seria um ser poderoso, bom, onipresente, onipresente e onisciente – Tais características estão presentes no espírito, não na palavra.

A segunda falsa ideia a que ele se refere seria a de que concluímos as coisas apenas sobre as denominações das coisas, não suas naturezas. Tudo seria definido pela palavra "é". Para o autor desta teoria, a alma seria apenas o movimento do corpo orgânico, pois a imaginação depende do movimento dos órgãos. Marcondes prova a falsidade de tais argumentos dizendo que "todas as convenções de que fala esse filósofo consistem apenas no acordo feito entre os homens de modo a tomar certos sons como signos das ideias que temos no espírito" (MARCONDES, 2009 pág. 51). Tal convenção seria impossível se não possuíssemos o conceito das coisas que queremos expressar, no espírito. Além de que, se a segunda ideia fosse real, vários países não nomeariam as mesmas coisas de forma diferente, então não possuem o mesmo raciocínio. As ideias não são arbitrárias - Decidir unir uma ideia a um som é. A conclusão sobre algo depende de um raciocínio sólido sobre a natureza de algo, pelo raciocínio que já existia no espírito.

A escola de Port-Royal produziu em 1660 a Grammaire générale et raisonnée, uma colaboração entre Antoine Arnauld e Claude Lancelot, tendo grande importância teórica na época. O autor segue explicando a gramática - Esta seria a forma de tornar a fala mais duradoura, signos inventados para tal, podendo considera-los por sua natureza e o modo que os homens os utilizam para manifestar seus pensamentos.

O autor prossegue com a reflexão sobre a palavra, uma das maiores vantagens do homem. Com a base de trinta sons, é possível compor um infinito número de palavras, sendo possível defini-las como "sons distintos e articulados, que os homens transformaram em signos para poder significar seus pensamentos" (MARCONDES, 2009 pág. 54). As palavras foram inventadas para conhecermos nossos pensamentos, portanto, não é possível saber o significado das palavras sem antes conhecê-los.



Após o desenvolvimento da lógica de Port-Royal vários outros pensadores também desenvolveram suas teses, vários deles tendo influência na escola de pensadores e desenvolvendo o estudo da linguagem.

Pode-se iniciar citando Locke, para ele “as ideias representam as coisas e as palavras representam as ideias, portanto há uma dupla conformidade das ideias em relação às coisas e das palavras em relação às ideias” (MARCONDES, 2009 pág. 57).

A semântica para ele é mentalista, “no sentido de que o significado das palavras, seu conteúdo semântico, se estabelece por sua relação com as ideias na mente” (MARCONDES, 2009 pág. 58).

Locke considera a linguagem de grande importância para a vida em sociedade. Apesar de ter falhas e às vezes falta de entendimento, o fato de a comunicação ocorrer “permite que o uso da linguagem seja bem-sucedido e que as pessoas se entendam. O entendimento se torna melhor na medida em que podemos passar das palavras às ideias correspondentes” (MARCONDES, 2009 pág. 59).

Em seguida Humboldt deu início à filologia comparada analisando “o desenvolvimento interno das línguas levando em conta a influência de fatores externos” (MARCONDES, 2009 pág. 63).

Também se pode mencionar Safer-Whorf, para eles a linguagem tem relação com a cultura, “há uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida” (MARCONDES, 2009 pág. 68).

Peirce faz a distinção de signos, entre ícone, índice e símbolo, esta diferença se dá através de suas funções. Ele “procura mostrar as diferentes características e funções do signo, o modo como operam em relação aos objetos e como são empregados por seus usuários, sempre em um contexto determinado” (MARCONDES, 2009 pág. 73).



Gottlob Frege, um filósofo alemão, dizia que podemos considerar que, “uma teoria do significado deveria tratar de três grandes questões” (MARCONDES, 2009 pág. 82). A do sentido, que é aquilo que compreendemos; a da referência, que é aquilo de que se fala; e a da verdade, que é se aquilo que se fala é verdadeiro ou falso, em relação ao real. Com isso, podemos estabelecer distinções. “A referência de um signo é aquilo a que se refere; o sentido do signo é seu modo de apresentação; e diferentes tipos de signos envolvem diferentes tipos de referência” (MARCONDES, 2009 pág. 82).

Para Saussure, o precursor da linguística, o objetivo do estudo é “a língua enquanto sistema, considerada primordialmente em um sentido sincrônico e não diacrônico. Ele defende que esses dois eixos devem ser considerados separadamente” (MARCONDES, 2009 pág. 89). No curso, ele discute a fonologia. Na primeira parte traz os princípios fundamentais e elabora as distinções; na segunda, a sincronia; na terceira, a diacronia; e na quarta, dedica a questões filológicas e históricas.

Como resultado da revisão dos textos de William James, o pensador Russell “introduz algumas distinções entre várias acepções segundo as quais uma palavra é adotada de significado, retomando sua concepção de denotação” (MARCONDES, 2009 pág. 99). Também “examina os aspectos contextuais do significado e do uso de uma palavra pelo falante em relação a seu ouvinte, valorizando assim uma concepção pragmática da análise do significado” (MARCONDES, 2009 pág. 99).

Ludwig Joseph Johann Wittgenstein, filósofo austríaco, usa do contexto filosófico de Frege e Russell, analisando “como se dá a relação entre a linguagem e o real, através da determinação das categorias mais gerais da linguagem e das categorias mais gerais da realidade. Para isto é necessário determinar a forma lógica da linguagem” (MARCONDES, 2009 pág. 107).

O trabalho de Chomsky é a junção de três conferências feitas por este.



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

A primeira é de caráter histórico e examina a contribuição de pensadores do início da Modernidade; a segunda, sobre a linguagem contemporânea do ponto de vista da relação entre linguagem e pensamento; e na terceira, questões para o desenvolvimento futuro dessa discussão. (MARCONDES, 2009 pág. 111)

O pensador Austin baseia-se nas conferências de William James. Ele “desenvolve sua visão performativa de linguagem, a concepção de que usar a linguagem é realizar atos, e não descrever a realidade” (MARCONDES, 2009 pág. 118). Também formula “as condições de possibilidade de realização bem-sucedida de um ato de fala, incluindo procedimentos convencionais e intenções e expectativas do falante” (MARCONDES, 2009 pág. 118).

Martin Heidegger, filósofo alemão, procura atribuir um novo sentido a humanismo. Ele explora a relação com o cristianismo, marxismo e existencialismo. Para ele “o homem é o pastor do Ser, e que sua relação com o Ser se dá, sobretudo através da linguagem. A linguagem não é assim apenas um instrumento, algo de que dispomos para nos comunicar, mas o homem pertence à linguagem” (MARCONDES, 2009 pág. 121).

Por fim, Foucault sintetiza os pontos centrais da obra *A arqueologia do saber* e “analisa como o poder circula, se transforma, se dissemina através do discurso. Mas o poder não significa apenas proibição e interdito, circunscrevendo o discurso ele também constitui, produz possibilidades de discurso” (MARCONDES, 2009 pág. 129).

Ao realizar a divisão das teorias do antes e depois da *Lógica de Port-Royal* pode-se perceber mais facilmente a grande diferença que havia entre a época na qual o estudo da linguagem começou até Port-Royal. E a pequena mudança que havia entre os estudos e teorias que surgiram após as influências que obtiveram de Port-Royal.

Referências Bibliográficas



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

MARCONDES, D. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. 01.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009